

Capítulo 01 | Introdução

Este projecto pretende apresentar uma reutilização de um valioso edifício fabril para instalação da Universidade da Beira Interior, mais precisamente, da Faculdade de Arquitectura; tendo sido um caso bem sucedido, pode ser apontado como exemplo, de convergência entre a satisfação das necessidades de espaço de um equipamento público e a preservação do património industrial. É importante requalificar quanto se trata de um conjunto de edifícios com uma presença fortíssima no tecido urbano, o que justificou ter-se podido chamar à Covilhã uma “cidade fábrica”.

A escolha deste edifício deve-se ao facto do imóvel ter um grande interesse patrimonial (edifício em vias de classificação) e encontra-se em estado de degradação preocupante, no actual contexto da cidade.

Primeira faz-se uma pequena análise do enquadramento histórico do conjunto edificado, uma introdução aos critérios e princípios da intervenção, descrevem-se as soluções propostas e a distribuição do programa pelas áreas existentes e a construir, definem-se os materiais a utilizar.



Fig. 1 - Vista geral sobre cidade da Covilhã

Capítulo 02 | Enquadramento Espaço - Temporal

A Covilhã situa-se a meio da encosta da Serra da Estrela pertence à província da Beira Interior e ao distrito da Guarda. Tem limites naturais bem vincado. A norte, é delimitada pela região de Trás-os-Montes e Alto Douro, pelas serranias dos vales do Douro e do Côa. A este, os rios Mondego e Zêzere, e as serras do Açor, da Gardunha e da Lousã, separa-a da Beira Litoral. A sul e a sudoeste, o rio Zêzere e a serra da Melriça separam-na da Estremadura e Ribatejo. A oeste, situa-se a fronteira com Espanha.

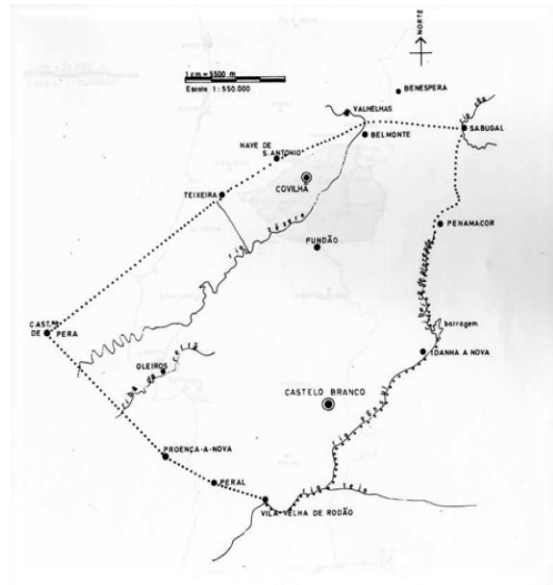


Fig. 2 - Limites prováveis do alfoz segundo o farol da Covilhã

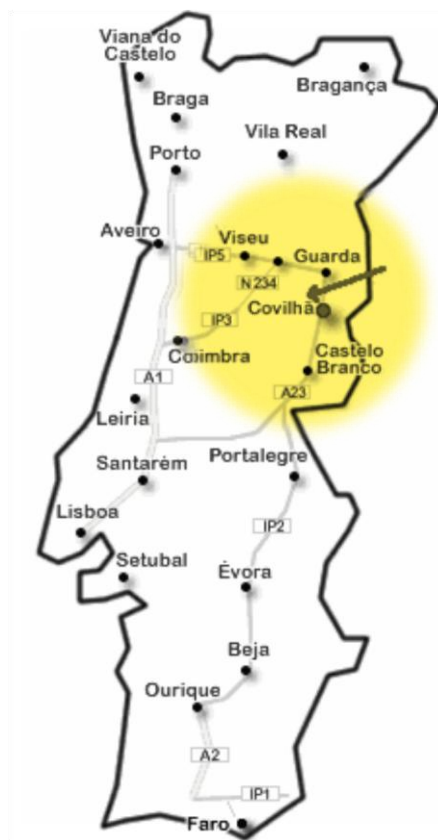


Fig. 3 - Mapa de Portugal

Este planalto sempre habitado por povos pré-históricos, guarda vestígios da existência do período do Bronze, pré-românico (Celtas e Lusitanos), e, do período Românico.

A Covilhã constitui-se no contexto do país como uma cidade industrial com uma imagem emblemática determinada e modelada em estreita associação com a indústria dos lanifícios, que desde tempos recuados moldou o tempo e o espaço da cidade.

O tecido urbano foi originado e estruturou-se em função dos lanifícios, desenvolvendo-se por locais que até hoje os testemunham.

Na amplitude das políticas de povoamento, que D. Sancho I a então Vila da Covilhã, um dos assuntos abordados na *Carta de Foral*. Esta foi concedida à Covilhã no ano de 1186 por este rei, que teve a intenção de restaurar, atrair e fixar os moradores no concelho da Covilhã¹. Conforme o Foral a área do concelho da Covilhã abrangia os actuais distritos da Guarda e Castelo Branco desenvolvendo-se a partir da Serra da Estrela ao longo da bacia do Zêzere, expandindo-se ao Côa e Pônsul, descendo ao Tejo até Rodão, inflectindo de novo pelo Zêzere até Peso.

O Mesmo rei foi o responsável pela construção das muralhas do primeiro castelo da cidade. Mais tarde, o rei D. Dinis mandou construir as muralhas de um importante bairro medieval conhecido como Portas do Sol, que ainda hoje pode ser admirado na parte mais antiga da cidade.

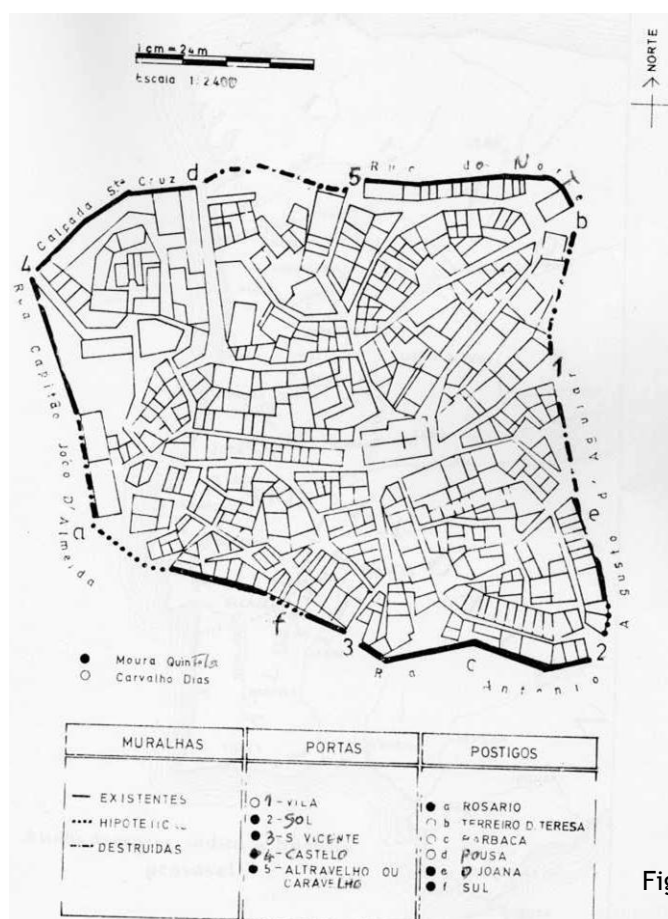


Fig. 4 - Covilhã intramuros

¹ Diz-nos Elisa Pinheiro (1997 Vol.I:pp.47-57): “concedemos que todos os cristão ainda que seja servir que habitar no concelho durante um ano fique livre e ingénuo ele e a sua descendência”

A Covilhã ia começando a tomar forma, sendo o centro polarizador da produção de tecidos de lã, realizada tanto em regime doméstico como artesanal, sobretudo junto às duas ribeiras - Carpinteira e Degoldra. Estas atravessavam a cidade, possibilitavam um fácil acesso e utilização da energia hidráulica e da lenha.

A montanha propiciava ao gado os pastos naturais, sendo ponto de encontro dos grandes trajectos da transumância, tanto nacional como peninsular. Por esta razão, alguns aglomerados populacionais desta área, como Manteigas, Seia, Gouveia e Covilhã, especializaram-se no fabrico de tecidos.



Fig. 5 e 6 - Covilhã - Vista da cidade

No século XVII, Marquês de Pombal instalou as primeiras fábricas na cidade, processo que foi continuado com a industrialização, a qual conduziu a uma forte concentração.

Neste contexto, a Covilhã foi-se ampliando, até ao século XIX, tendo sido na altura denominada e conhecida como “cidade-fábrica”. Foi este um dos períodos mais marcantes da história da cidade. Com a reprodução das fábricas e do desenvolvimento dos lanifícios moldou-se-lhe o “espírito” industrial, transformando-se num espaço tanto física como socialmente diferenciado no panorama urbano nacional. Todavia, só agora, no alvore do séc. XXI, se transforma verdadeiramente num espaço socialmente harmonizado, apresentando-se como uma nova Pólis, onde as funções urbanas se colocam finalmente ao serviço da qualidade de vida dos seus habitantes.



Fig. 7 - Fábrica do Sineiro

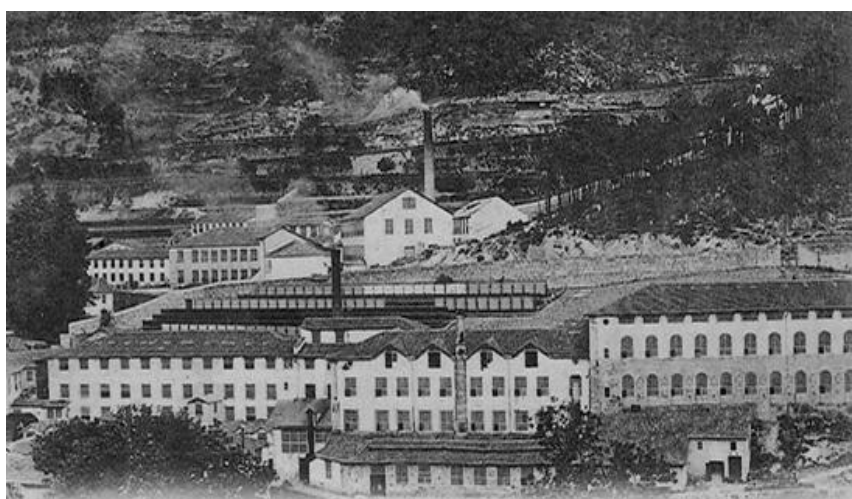


Fig. 8 - Fábricas Campos Mello & Irmão e Alçada & Filho

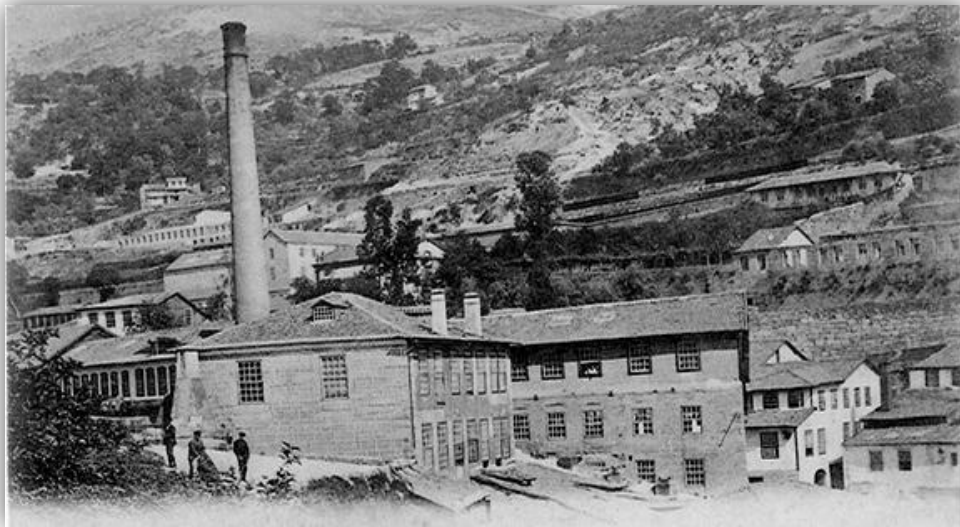


Fig. 9 - Antiga Fábrica de Sebastião da Costa Ratto & Sobrinhos

Segundo a história, como a oportuna natureza do lugar, foi sendo sempre sublinhada, face à sobrecarga do trabalho dos operários e às inusitadas expectativas dos industriais. Até à actualidade a fábrica foi o cenário natural em que se desenrolou a vida de todos os covilhanenses. Mas foi, sobretudo, o núcleo de uma conflitualidade encoberta e contínua da profunda clivagem social e do inerente modelo de desenvolvimento urbano.

Todavia, à medida que a ideia da Universidade da Beira Interior, se instala no edifício pombalino Real Fábrica de Panos se vai evidenciando, a Covilhã, começa a erguer-se das ruínas das fábricas e, receosamente, vai assumindo, no tecido urbano, a par de patentes manifestações de um excessivo crescimento desordenado, a evidência do seu profundo processo de mudança.



Fig. 10 - Antigo Quartel Caçadores - Actual UBI



Fig. 11,12 e 13 - Antiga Real Fábrica dos Panos - Actual UBI

Quanto à disposição da população residente na Covilhã, segundo o anuário 2007 do INE, existia 24772 hab. Verifica-se um acentuado envelhecimento da população, que tem vindo a declinar cerca de 15% por ano. Esta realidade tem vindo a diminuir acentuadamente nesta zona, associada a uma atractividade muito aprazível que constituem a classe estudantil da típica cidade dos estudantes.

Ao longo da cidade observa-se diversos pontos ou espaços de atracção social, quer seja espaços urbanos fortes como a Praça do Pelourinho e a cidade Universitária, ou novos espaços como centros comerciais, zonas de restauração e parques verdes, traçados ao abrigo do programa Polis.

Sendo Centro Histórico da Covilhã, ocupado por imóveis com características arquitectónicas e técnicas construtivas medievais. As ruas são estreitas, sem lógica aparente e os espaços públicos exíguos; os prédios são estreitos nas fachadas, adoçados, tendo-se desenvolvido em comprimento e em altura, ao sabor de gostos pessoais e de acrescentos apendiculares.

Por outro lado, verifica-se também grandes potencialidades culturais, que poderão intensificar o crescimento desta área, que tem vindo a ser alvo de várias intervenções de requalificação e reabilitação do património arquitectónico com o objectivo de manter a identidade do local ou da construção do novo edificado.

Covilhã envolve uma trama histórica marcada por valores expressivos próprios, é autenticada como incontornável ao predomínio de um estudo de contextualização das propostas e nomeadamente, a necessidade da sua integração com uma série de condições de contemporaneidade também indispensáveis.

O que se pretende, com estas iniciativas, é precisamente, recuperação do edificado e do tecido urbano que determinou outrora a cidade e que conduziu, a imagem que conhecemos hoje e que a diferencia das outras cidades. Todavia, o crescimento das novas perspectivas é importante na procura de uma integração no ambiente histórico construído através de uma linguagem contemporânea integradora de duas realidades.

As cidades reflectem e corporalizam as nossas realizações como as nossas expectativas de vida e, por esse motivo, e em função de umas ou de outras, ao longo do tempo, vão-se transformando. Nas ruas e praças vão-se assentando as linhas de dinamismo que estruturam a identidade comunitária que as alimenta, cruzando ainda as dimensões de passado, presente e futuro.



Fig. 14 - Covilhã - Parte nova da cidade

Capítulo 03 | Localização do edifício de intervenção

3.1. Área de intervenção - Covilhã

Na zona de intervenção em análise o desenho mostra um notável alinhamento ao nível das ruas que acabam por ser definidas pela edificação existente e irregularidade ao nível cerceas. A área de intervenção é fundamentalmente abrangida pelo pólo de Engenharia, Calçada da Fonte do Lameiro e pela ribeira da Degoldra. As ruas adjacentes ao edifício dão acesso à zona centro e Serra da Estrela.

O edifício em estudo tem uma área aproximadamente de 2000 m², inserido num conjunto urbano com valor no seu todo. É de salientar que se manteve e aproveitou os elementos mais marcantes, que são o ritmo constante da repetição modular de três janelas ao longo dos quatro pisos. Pretende-se conceber uma ligação entre este conjunto urbano com os novos espaços e novas referências arquitectónicas divulgando a actualidade, no entanto sem quebrar pela negativa a imagem da cidade.

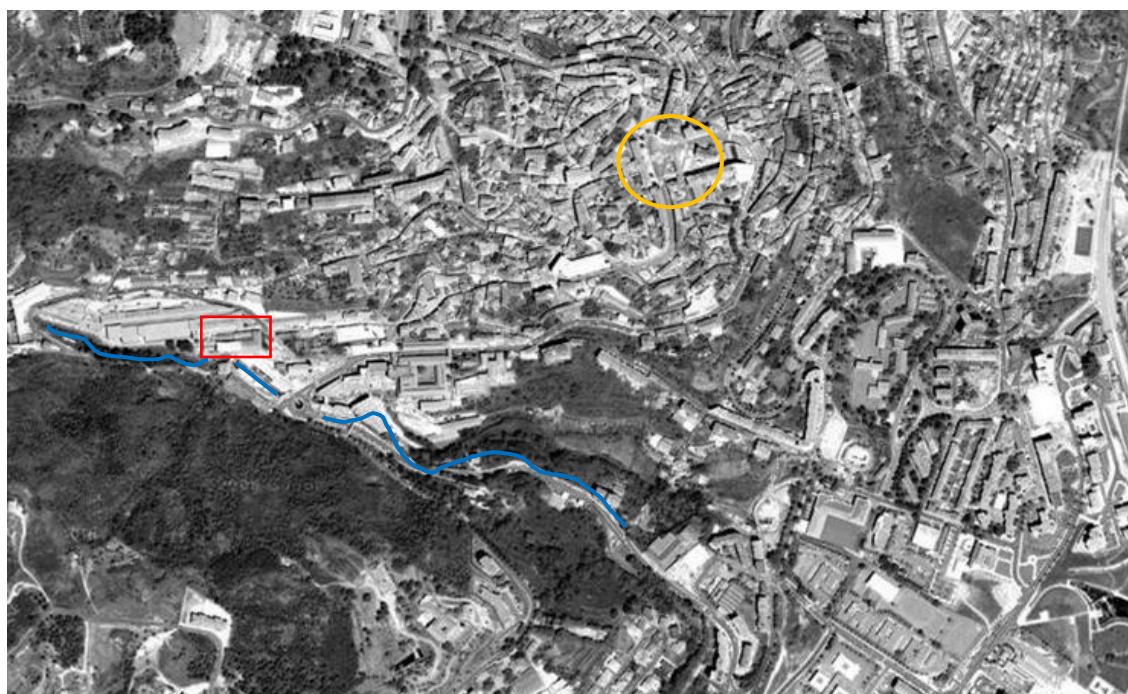





Fig. 15 - Vista aérea sobre Covilhã

-  Área de intervenção
-  Ribeira da
-  Centro da Cidade

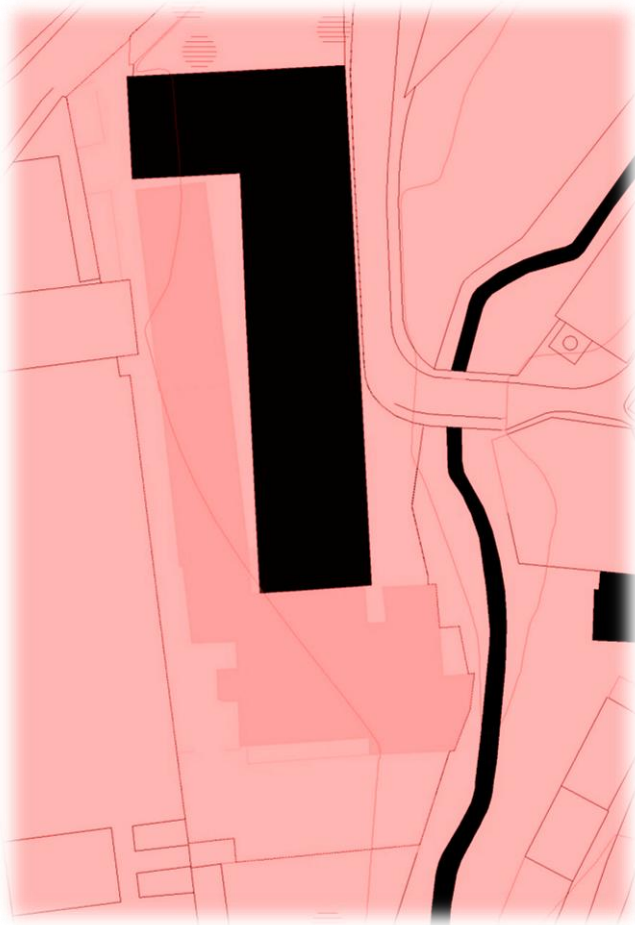


Fig. 16 e 17 - Zona de Intervenção

Fotos do local

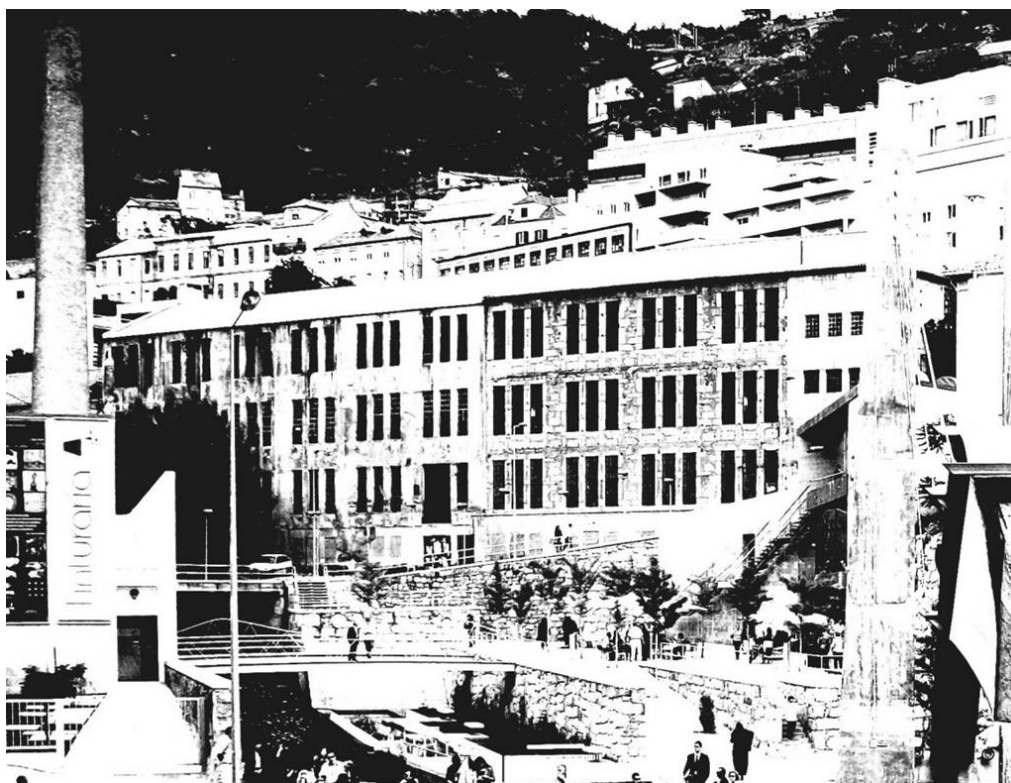


Fig. 18, 19 e 20 - Perspectiva do edifício - Alçado principal



Fig. 21 e 22 - Perspectiva do edifício, Calçada da fonte do Lameiro - Covilhã



Fig. 23 e 24 - Perspectiva do edifício

3.2. Análise da estrutura edificada

Para uma propícia investigação da área de intervenção seguiu-se uma análise da estrutura edificada existente. Contudo, este estudo passará por pontos fundamentais: a recolha da informação física - volumetria, número de pisos, estrutura, estado de conservação.

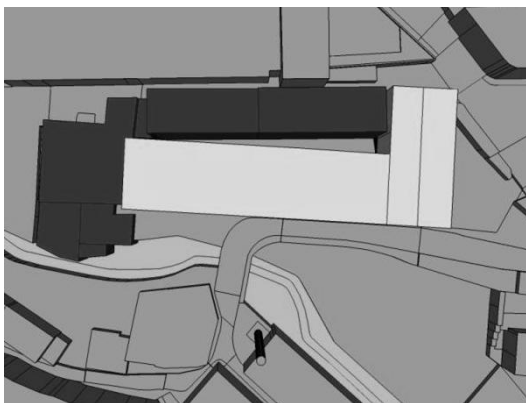


Fig. 25 - Planta de implantação

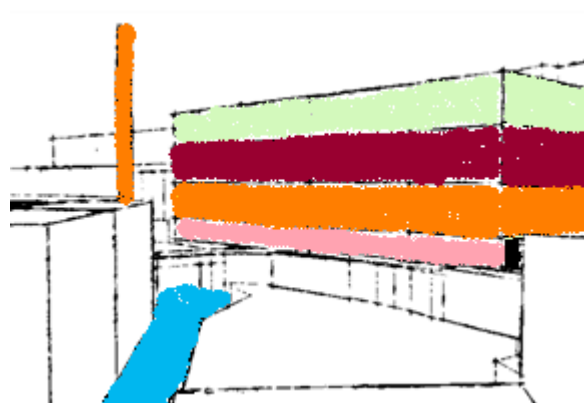


Fig. 26 - Perspectiva do edifício

O actual edifício foi construído em diversos momentos, apesar das diversas fases construtivas, o despretensioso edifício de grandes proporções caracteriza-se por uma unidade arquitectónica conferida pelo ritmo constante da repetição modular de três janelas ao longo dos quatro pisos. Estamos perante um edifício desactivado, e à primeira vista parece estar em razoável estado de conservação.



Fig. 27 - Alçado Sul



Fig. 28 - Perspectiva edifício, fachada principal

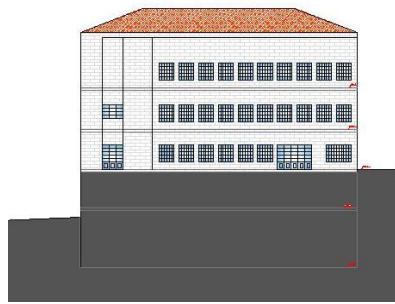


Fig. 29 - Alçado Este



Fig. 30 - Perspectiva do edifício

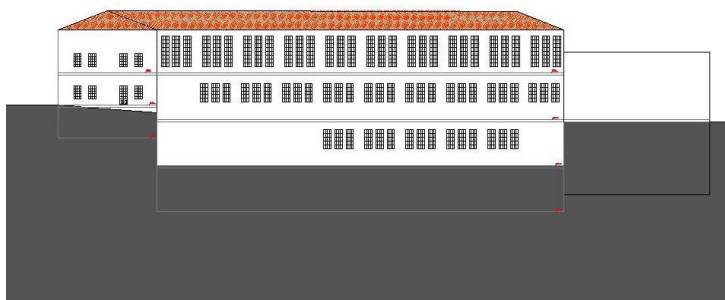


Fig. 31 - Alçado Norte



Fig. 32 - Perspectiva do edifício

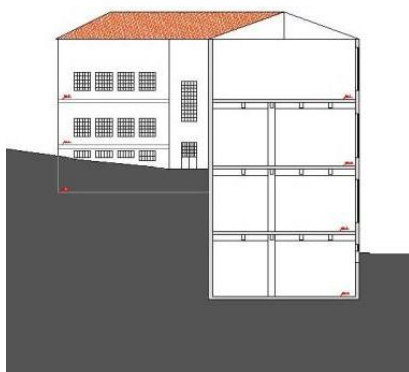


Fig. 33 - Corte



Fig. 34 - Perspectiva do interior do edifício



Fig. 35 a 42 - Perspectivas do interior do edifício